

NACIONALISMO E TRADICIONALISMO CATÓLICO NO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XX

NATIONALISM AND CATHOLIC TRADITIONALISM IN BRAZIL FROM THE 20TH CENTURY

Marcos Augusto Maliska¹
Paulo Cesar de Lara²

RESUMO: O problema da pesquisa é identificar as relações entre o nacionalismo e o tradicionalismo católico no Brasil a partir do Século XX, delimitando neste espaço de tempo o surgimento do tradicionalismo católico, portanto delimitando também o campo de pesquisa. Como objetivo geral busca-se identificar os principais pensadores neste período e área e verificar como suas ideias contribuíram para o quadro geral do tradicionalismo no Brasil. Como objetivos específicos busca-se identificar as anomalias, compreender a interação entre tradicionalismo e nacionalismo, enquanto estratégia para se compreender as origens destes fenômenos e suas manifestações nos tempos atuais que vem deixando os observadores sem condições de compreenderem todo o corpo de ideias em que se baseiam e os reflexos na atual sociedade brasileira. Este estudo parcial sobre o tradicionalismo analisado sob um determinado aspecto busca contribuir para o quadro maior de estudos sobre o tema. A metodologia empregada é a hipotéticadedutiva, comparativista e crítico-dialética e a técnica de pesquisa é a bibliográfica. Como conclusões e resultados parciais e provisórios pode-se adiantar que as ideias disseminadas no Brasil tem raízes bem mais profundas do que aparentam e necessitam de uma especial atenção dos estudos acadêmicos por ser um tema útil, necessário e indispensável.

Palavras chave: Nacionalismo. Tradicionalismo. Democracia. Liberdade.

ABSTRACT: The research problem is to identify the relationship between nationalism and Catholic traditionalism in Brazil from the 20th century onwards, delimiting in this period of time the emergence of Catholic traditionalism, therefore also delimiting the field of research. As a general objective, we seek to identify the main thinkers in this period and area and verify how their ideas contributed to the general framework of traditionalism in Brazil. As specific objectives, we seek to identify the anomalies, understand the interaction between traditionalism and nationalism, as a strategy to understand the origins of these phenomena and their manifestations in current times, which has left observers unable to understand the entire body of ideas in which base

¹Doutor em Direito. Professor do Programa de Pós-Graduação em Direitos Fundamentais e Democracia do UniBrasil. Procurador Federal integrante do Núcleo de Atuação Prioritária em Matéria Administrativa da Procuradoria Regional Federal da 4ª Região.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Direitos Fundamentais e Democracia – Mestrado e Doutorado do Centro Universitário Autônomo do Brasil – UNIBRASIL. Mestre em Direito Constitucional pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do Departamento de Direito das Relações Sociais do Curso de Direito da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

and reflections on current Brazilian society. This partial study on traditionalism analyzed under a certain aspect seeks to contribute to the larger picture of studies on the subject. The methodology used is hypothetical-deductive, comparative and critical-dialectic and the research technique is bibliographic. As partial and provisional conclusions and results, it can be stated that the ideas disseminated in Brazil have much deeper roots than they appear and need special attention from academic studies, as they are a useful, necessary and indispensable topic.

Keywords: Nationalism. Traditionalism. Democracy. Freedom.

1. INTRODUÇÃO.

O escrito versa sobre o Nacionalismo e Tradicionalismo no Brasil a partir do Século XX, procurando compreender, localizar e datar as origens das ideias tradicionalistas e que influência tem sobre a sociedade atual. Neste sentido perpassa por diversos temas. Como o objeto de estudo procura em princípio focar a origem do tradicionalismo no Brasil, com um olhar delimitado as relações entre tradicionalismo e catolicismo, são revisitadas o evento histórico do atrito entre a Igreja e a Monarquia no Brasil no fim do século XIX, lembrando-se o evento envolvendo o Bispo de Olinda, Dom Vital.

Discutem-se estas questões em paralelo com as influências do movimento da questão religiosa com a estrutura que foi se formando em torno destas ideias, ponto em que surgem as figuras de pensamento de Jackson Martins de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, e Gustavo Corção, a base do pensamento leigo no Brasil no início do Século XX e que por quase um século influenciaram fortemente a sociedade brasileira, partindo da atuação no Rio de Janeiro, espargindo-se por todo o País.

Analisa-se o nacionalismo brasileiro, suas espécies e relações com o tradicionalismo e daí abrindo-se o campo para analisar as relações entre o tradicionalismo e o totalitarismo, o cenário atual do tradicionalismo, neste ponto analisam-se sumariamente alguns aspectos em relação a Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Alexander Dugin.

Neste ponto, retrocede-se para encontrar as ideias que poderiam ter influenciado na forma de pensar e de agir destas personalidades. Menciona-se a influência do tradicionalismo, do nacionalismo nas guerras, nos conflitos sociais e daí analisam-se algumas considerações de Sigmund Freud, sobre a guerra.

Por fim, após analisar algumas características sobre o fascismo e suas ligações com o tradicionalismo expostas por Umberto Eco. Ao final, analisam-se alguns fragmentos dos escritos de Julius Evola e René Guénon e toda a amplitude de ideias que os inspiraram, perpassando-se sobre vários povos e culturas e até civilizações perdidas. As conclusões que se chega é que é necessário compreender mais as raízes sociológicas, históricas e políticas do tradicionalismo, como se relacionam com o nacionalismo.

2. O NACIONALISMO E TRADICIONALISMO NO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XX.

As profundezas que subjazem às fortes correntes de pensamento que sulcam o cerne das nacionalidades ao longo da história dos povos, nem sempre são os efeitos em cadeia de causas simples de serem detectadas, compreendidos ou eventualmente dominadas.

É como se a realidade nunca fosse aquilo que se vê. Quando muito, estas raízes profundas que perpassam povos e eras podem ser intuídas pelos poetas e artistas aureolados com uma visão límpida das realidades do espírito, excepcionalmente são produtos de misticismos e profecias, como nos diversos relatos das Escrituras Sagradas.

Saindo da excepcionalidade da arte e do profetismo, o caminho mais árduo em termos de tentativa da percepção dos fenômenos sociais é a observação sistemática e exaustiva das ciências sociais, menos brilhantes que o gênio da arte e menos emocionante do que os espíritos das profecias, pois, nem sempre há quem perceba nem que os tempos estão mudando, nem que as respostas estão sendo levadas pelo vento³.

A afirmação da qual se parte nestes escritos é que há algo de diferente na atmosfera política, religiosa, cultural no Brasil e em muitos lugares do mundo. Coisas novas e estranhas que a atual geração e entressafra geracional, nunca presenciaram, nem viram nem sentiram, alguma coisa ou força que exerce como que um magnetismo que de certa forma obriga a uma convivência num aspecto

³ SHELTON. Robert. No *Direction Home: A Vida e a música de Bob Dylan*. Trad. Gustavo Mesquita. São Paulo: La Fonte. 2011.

bastante sombrio de narrativas e discursos que se repetem à exaustão, afetando a paz interior das pessoas e as predispondo à uma sociedade cada vez menos baseada na convivialidade e mais no conflito e na violência. Mas de onde vem tudo isso e por quê?

Por qual razão as pessoas, os grupos, as facções, estão sendo como que coagidas a se posicionarem sendo jogadas umas contra as outras, ora numa roda de amigos, outras vezes no ceio em família, ou nas redes sociais que bombardeiam os ânimos, municiadas com os algoritmos da inteligência artificial que atuam num jogo incessante de ataque e contra ataque, a tomarem um dos lados em uma disputa em que refutar uma parte é interpretada como adesão imediata à parte adversa, a uma guerra que talvez nunca tenha sido a sua, ou mesmo algo totalmente contrário às suas próprias crenças de tal forma que equilíbrio, bom senso e critério não são mais ferramentas suficientes para a aventura da sobrevivência sócio-política.

Por que o Brasil não mais se reconhece no cenário da existência nacional e até familiar? Quem semeou tanta cizânia e que tipo de maldição é esta, se assim se pode dizer, da qual não se pode desvencilhar sem um combate obrigatório? É ao tradicionalismo que estes escritos estão a se referir.

Fatos ocorridos há mais de um século reverberaram no grande oceano da história e suas vagas finalmente chegam aos dias atuais, às vezes mais plácidas, outras mais intrépidas, mas todas chegam.

Em dezembro de 1872, quando o Bispo de Olinda, Vital Mariareivindicando os privilégios de uma religião amalgamada ao Estado desde a Constituição monárquica brasileira de 1824 entrou em choque com a Maçonaria, determinou que as irmandades expulsassem seus membros maçons e na sequência excomungou os que assim não agissem, foi declarada não só uma guerra entre trono e altar, mas as consequências que surgiram iriam ecoar anos mais tarde num País bem diferente do regido por Dom Pedro II.

O Bispo Dom Vital foi preso, a Nação se dividiu entre os partidários das ideias iluministas em apoio à maçonaria e os “tradicionalistas”, que não abriam mão de um Brasil culto único, católico e conservador. Muitas coisas envolveram este capítulo na história política e eclesial brasileira, mas, muito mais ainda viria pela frente.

O Imperador Dom Pedro II e o Papa entraram em acordo, Dom Vital foi libertado, e o que não desejava consolidou-se tempos mais tarde, com a separação Religião e Política, sacramentada no texto Constitucional de 1891⁴ ao se dispor, no art. 72, que a Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade determinando no § 7º que “nenhum culto ou igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União, ou o dos Estados” (...) ⁵.

O Tradicionalismo que veio da fusão entre Estado e Igreja agora colocava em questionamento a coerência política e religiosa numa delicada teia de equilíbrio e poder, afinal, como advertira Águia de Haia⁶, “toda a religião associada ao governo das coisas da terra é uma religião morta, o espírito não vive mais nela (...) o resultado é sempre a imolação da doutrina ao interesse político”.

Dominadora ou protegida, num e noutro caso “é serva dos cálculos de ambição: no primeiro, para que o governo temporal lhe não caia das mãos; no segundo, para que não lhe subtraíam os proventos temporais do monopólio”.

O marco divisório parecia muito claro, de um lado as ideias revolucionárias dentre as quais uma repulsa pela religiosidade acobertada pela ideia de liberdade e de outro os que reagiam contra as ideias revolucionárias, a este grupo, convencionou-se serem chamados “reacionários”.

Estas ideias reacionárias tomaram corpo no Brasil a partir do movimento de católicos não religiosos (leigos) que era a verdadeira linha de frente da intelectualidade brasileira, ancorada em verdadeiros gigantes do pensamento mundial, em especial nos autores convertidos ao catolicismo⁷ e com grande projeção na intelectualidade europeia⁸.

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm Acesso em 05 out 2021.

⁵ Adaptada no léxico.

⁶ BARBOSA, Ruy. **O Papa e o Concílio**. Por Janus. VIII. Versão e Introdução de Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Brow & Evaristo, 1877.

⁷ LELOTTE. F. S. J. **Convertidos do Século XX**. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

⁸ Alexis Carrel, Edith Stein, Charles de Foucauld, G. Von Le Fort, e. Psichari, Ève Lavallière, Paul Claudel, Evelyn Waugh, G. K. Chesterton, j. Rivière, Maurice Baring, Thomas Merton, Gabriel Marcel e Henri Bergson, Leon Bloy, Charles Péguy e tantos outros.

3. A INFLUÊNCIA DO ATIVISMO INTELECTUAL DOS CATÓLICOS LEIGOS NO BRASIL

Apesar de hoje haver a menção a reacionários dando a ideia de que o imobilismo e inquietação advinham destes, olhando com as lentes da época, naquele momento o ardor revolucionário parecia queimar no âmago dos reacionários, com eles a paixão, o trabalho, a luta pelo convencimento numa verdadeira cruzada de intelecto e fé!

Se o gênio intelectual da revolução francesa vinha destruindo as linhas adversárias não é menos verdade que com o tempo grandes nomes foram se levantando contra estas ideias e era perante as linhas de pensamento fincadas pelos leigos católicos é que se deu o início de batalhas nos mais diversos setores da sociedade.

O pensamento de Jackson Martins de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima, e Gustavo Corção são a base do tradicionalismo no Brasil, não podendo ser relegado este aspecto. Inclusive, mais do que outras fontes do tradicionalismo, estes autores são importantes porque influenciam a cultura católica preponderante na sociedade brasileira por quase um século. Em torno da fundação da Revista "A Ordem", Jackson de Figueiredo.

Na primeira década do século XX um grupo de intelectuais católicos iniciaram uma bem estudada militância no Rio de Janeiro cuja finalidade era expandir e consolidar a presença da Igreja Católica na Sociedade. As ondas migratórias da Europa trouxeram um tipo desconhecido até então no Brasil, os trabalhadores com consciência política bastante acurada.

Logo, nos anos 20, o Brasil estava avançado na secularização da cultura, da urbanização, envolto em greves e movimentos sociais diversos, a fundação do Partido Comunista, ou seja, tudo o que no imaginário dos católicos organizados em torno dos seus ideais e objetivos, implicava em desordem, anarquia, descontrole. Neste momento surge a figura do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, como liderança católica e fator de organização e catalisação de lideranças católicas no Brasil.

Foi neste contexto que surgiram duas importantes novidades⁹, a fundação da revista “A Ordem”, em 1921” e a criação do “Centro Dom Vital”, em 1922, ambos sob a direção de Jackson de Figueiredo, um jovem sergipano, de profunda formação intelectual, recém convertido ao catolicismo. Bergson, Pascal, Maistre, foram autores importantes no referencial de Figueiredo. No Brasil conhece a filosofia do maior filósofo brasileiro, Farias Brito. Jackson de Figueiredo conheceu um vigoroso polemista católico, o Padre Leonel Franca e a partir daí começou a organizar os leigos católicos em torno das ideias cuja finalidade era combater o avanço de tantas e variadas ondas de ideias, todas contrárias ao universo de valores do catolicismo. No início do século XX no Brasil Jackson vai ampliando o grupo de intelectuais ao seu redor, surgem Gustavo Corção e Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde.

Quando lança-se o olhar no panorama intelectual brasileiro até a década de 80 e se percebe a grandiosidade intelectual destes nomes, somados a tantos outros que foram efetivamente a base do pensamento intelectual brasileiro e ao se constatar que atualmente as gerações contemporâneas sequer tem a lembrança de quem foram estas pessoas.

É muito difícil imaginar que certas formas de pensar do passado tenham interferido com as formas atuais de pensamento no Brasil e por um motivo muito simples, o abismo cultural havido entre 1964 e o período pós 1988 foi tão devastador que quase nada teve continuidade, tudo parou. Foram através das rachas do muro da história é que alguns fios condutores conseguiram o prodígio de não separar o Brasil atual do Brasil do passado de forma total e drástica.

Por isso é preciso se orientar bem nesta senda para não se dar a impressão de que o que se vive hoje no Brasil é tão somente uma consequência das transformações de certas tradições de pensamento. Uma Ditadura não se acaba com um decreto de liberdade apenas. As marcas da violência e desmobilização social são sequelas que a grande custo as sociedades superam. Contudo, ao se investigar as relações entre nacionalismo e tradicionalismo, não se pode deixar de considerar estes elementos históricos ora referidos.

Os personagens que viveram e construíram estes sítios históricos ainda mantêm uma riqueza de pensamento como que inexplorados e seria uma

⁹ Carolina Vianna Dantas. A Ordem. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ORDEM,%20A.pdf> Acesso em: 05 out 2021

negligência bastante grave adentrar ao tema do tradicionalismo sem estas notas introdutórias aqui expostas, porque sem estes registros se perde no tempo o vai e vem das ideias e seus percursos na história humana e o mais importante, o que tem ainda para oferecer de bom e o que hoje pode ser mal compreendido depondo contra o sentido das próprias ideias originadas no passado, prestando-se assim um desserviço à história e à ciência.

4. NAS RAÍZES DO TRADICIONALISMO BRASILEIRO.

Como visto, parte-se de um dado recorte no tempo, para analisar o nacionalismo no Brasil para correlacionar com o tradicionalismo e posteriormente, com os Totalitarismos. Amoroso Lima¹⁰, o Tristão de Athayde, ao estruturar sua análise sobre o fenômeno do nacionalismo cita quatro espécies, o antinacionalismo, o falso nacionalismo, o extranacionalismo e o verdadeiro nacionalismo. Explica que a mística do Direito Positivo sucedeu no século XX a mística da Força.

Foi na França que esse positivismo nacionalista teve origem, tendo sido Charles Maurras o seu teorista genial, mas, na verdade, era um falso nacionalismo tendo sido na Itália onde a ideia tomou corpo primeiramente. O nacionalismo italiano vinha carregado de forças morais e de intenções espirituais, de um lado, no mundo de viver a vida e que poderíamos exprimir pelo conceito de um renascimento do heroísmo.

Curioso notar que o tradicionalismo que se criava no Brasil segundo sustenta Cassiano Cordi¹¹ não era um imitação tosca da Europa, pelo contrário, era uma doutrina que procurava trazer as respostas aos problemas nacionais ao mesmo tempo em que estruturada em sólida catolicidade, rechaçava-se com todas as forças que eram letais ao catolicismo e as linhas filosóficas pelas quais se orientava a teoria e a ação política no seio da Igreja Católica. A entrada do tradicionalismo na cultura brasileira na Primeira República não é mera importação e imitação de ideias estrangeiras.

¹⁰ LIMA, Alceu Amoroso. **O Existencialismo e outros**. Obras completas de Alceu Amoroso Lima, t. XVIII. Rio de Janeiro: Agir, 1959, p. 303.

¹¹CORDI, Cassiano. **O Tradicionalismo na República Velha**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Tese (Doutorado em Filosofia), 1984, p. 82

Segundo Cordi¹², entendia-se que somente o positivismo dispunha de um corpo de idéias suficientemente sólido para dar conta dos “inimigos” naturais da Igreja Católica, os liberais e os maçons. Na verdade não pararam as lutas de anos atrás que envolveram o trono e o altar no Brasil, tendo sido protagonizada a resistência católica nas posições doutrinárias e políticas de Dom Vital, continuava a disputa por hegemonia política no Brasil e que se a Nação não preparasse bem estes guerreiros, o seu preço seria muito alto.

Desta forma o tradicionalismo posicionava o laicato católico com clareza, em relação a uma ação mais direta na política e tudo isso fortaleceu estrategicamente o grupo formando em torno da Revista *A Ordem*. Além disso, o pensamento de José de Maistre se fez conhecer no Brasil principalmente devido aos estudos de Alexandre Correa, o qual também influenciou decisivamente na consolidação da Revista “A Ordem” e filtrando o que havia de melhor sobre José de Maistre, que pudesse ser cabível na realidade brasileira.

Outro grande colaborador foi o médico Hamilton Nogueira, de formação positivista que se torna rapidamente um dos maiores teóricos tradicionalistas da República Velha, torna-se a “sombra teórica” de Jackson de Figueiredo sobre quem chegaria a escrever a biografia. Pois, encontram-se nos seus escritos as justificativas teóricas de todos os posicionamentos práticos do diretor da revista. Enfim, a própria liderança de Jackson de Figueiredo foi o toque para que o grupo marcasse presença nos meios políticos e jornalísticos do país. Portanto, a qualidade do tradicionalismo vinculado ao grupo do Centro Dom Vital era muito bem estruturado e definido¹³.

Em 1934, escreveu Mussolini, que o movimento fascista para ser compreendido, deveria ser considerado em toda a sua completude e em toda a sua profundidade de fenômeno espiritual. Amoroso Lima¹⁴ assenta que o fascismo italiano não foi apenas uma revolta política contra os governos fracos e incapazes, que haviam deixado decair a autoridade do Estado e ameaçavam deter a Itália no

¹²CORDI, Cassiano. **O Tradicionalismo na República Velha**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Tese (Doutorado em Filosofia), 1984, p. 82

¹³CORDI, Cassiano. **O Tradicionalismo na República Velha**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Tese (Doutorado em Filosofia), 1984, p. 82

¹⁴ LIMA. Alceu Amoroso. **O Existencialismo e outros**. Obras completas de Alceu Amoroso Lima, t. XVIII. Rio de Janeiro: Agir, 1959, p. 309

caminho do seu desenvolvimento, mas foi uma revolta espiritual contra velhas ideologias que corromperam os princípios sagrados da religião, da pátria e da família.

Outro elemento ainda era importante, pois de nada adiantava a força do espírito para concretizar esta ideia de nação se não havia o espírito da força, surgindo, portanto, a ideia de luta armada no centro desse supranacionalismo. Mussolini e um discurso no Teatro Scala em Milão lançou a fórmula deste nacionalismo estatal e totalitário, “tudo no Estado, nada contra o Estado e nada fora do Estado”, cabendo a este a fiscalização de “todas as forças que atuam no seio da Nação” (espiritual, moral, econômica, etc.). Desta forma estabeleciam-se as bases do nacionalismo integral com consequências inferiores somente ao regime estabelecido no nacional socialismo alemão¹⁵.

São passados aproximadamente 100 anos, desde que estas ideias sobre o nacionalismo delinearam um regime político a partir dos anos 1920 na Itália e na Alemanha que conduziu a humanidade à grande tragédia humanitária da segunda grande guerra. Um fato tão distante, contudo, é assustador que as mesmas ideias que estiveram na raiz do nacionalismo nazifascista circulam com tanta liberdade no mundo e no Brasil em pleno Século XXI.

Amoroso Lima destaca a importância de um nacionalismo muito diverso do que aponta nas distorções na Alemanha e na Itália, no caso aponta para o nacionalismo cristão. O nacionalismo católico com o delineamento de Amoroso Lima se consolidará como um dos elementos importantes para a configuração do tradicionalismo no Brasil.

É necessário esclarecer que na história mais ampla do tradicionalismo, o tradicionalismo católico impactou grandemente todos os setores da sociedade se contrapondo cada vez menos a influência de intelectuais de formação marxista e a partir de 1988 foi este naco da intelectualidade que passou a marcar fortemente a sociedade, em especial a academia brasileira. Com a queda da esquerda no cenário político, a direita assume com um claro compromisso de desfazer a influência cultural e política das ideias marxistas e promover os valores oriundos do tradicionalismo.

¹⁵ LIMA. Alceu Amoroso. O Existencialismo e outros. Obras completas de Alceu Amoroso Lima, t. XVIII. Rio de Janeiro: Agir, 1959, p. 310.

Ao menos se pode “imaginar” que teria sido isso o que ocorreu no Brasil, mas a começar por esta conclusão, já se evidencia que há muitas correções a se fazerem nesta forma de ver, porque em muito do que ocorre atualmente no Brasil, não se trata de um ideário compatível com um corpo coeso, coerente do tradicionalismo brasileiro com origem na formação católica do início do século XX, a partir de personalidades como Amoroso Lima, Coração e Jackson Figueiredo, primeiro porque a estatura moral e intelectual destes pensadores seria de pronto rebaixada e manchada, se comparada ao que se diz e faz em nome do tradicionalismo no Brasil atualmente, e, por uma razão bastante simples, estes pensadores acima de tudo tinham uma característica moral inegável, buscavam incansavelmente a verdade.

A mentira não estava em seu horizonte ético, religioso e político. Valores como honra, verdade, justiça, os conduziu da descrença ao catolicismo e do catolicismo conservador a uma abertura democrática. Observe-se, isso como ideário político contemporâneo, sendo já instintivo que se repila a ideia maçante de que aderir a esquerda seria defender roubos e corrupção, o que aliás, é a senha para a interrupção de qualquer tentativa de diálogo no Brasil polarizado contemporâneo. Se é importante que se entenda certos aspectos que deixam o observador atônito no Brasil de hoje, não é menos importante que se observem as ideias matrizes e o processo de deformação destas ideias, num processo de deturpação da história.

5. TRADICIONALISMO E TOTALITARISMO

Assentadas as premissas históricas e as fontes de onde provieram em sua grande parte as ideias tradicionais no Brasil ao menos sob o ocular do tradicionalismo católico, é possível prosseguir em busca da compreensão de certos fenômenos, objetos da presente análise. Ao estudioso, não é difícil imaginar que o que se defende atualmente em termos de visão de mundo, governança e valores Democráticos são a derivação direta de uma sociedade outrora tradicionalista e agora ressuscitada em seus valores, razão pela qual o observador não compreende porque alguém suscita o direito de não ter direitos ou o direito humano fundamental de não tomar vacina, porque isso relacionaria todo um esforço da mente humana no

passado a distorções de uma patologia que perpassa o tradicionalismo e atinge outra coisa, os “totalitarismos” de diversas faces.

Como ponto de partida na demonstração desta linha de raciocínio ora exposta, a pandemia do COVID (2020-2021) vem revelando um assombroso debate na sociedade brasileira como nunca visto antes. A negação quanto à vacina, dentre muitos outros aspectos em princípio difíceis de serem entendidos, tem suas raízes em fenômenos sociais muito mais profundos e que não se esgotam nas guerras de informação pelos meios massivos de comunicação.

É algo mais profundo o que acontece no Brasil e no mundo, uma grande escuridão da alma do homem moderno e que ainda não é possível se dizer se são trevas que anunciam o amanhecer ou se são trevas que vieram após o adormecer do sol. Cabe ao estudioso indagar, é este o seu papel, perscrutar a profundidade destes fenômenos e para isso é preciso compreender que estudos empíricos não serão o principal caminho a se percorrer.

O tema do tradicionalismo está envolvido pelo transcendental, o metafísico. Por este outro lado é indispensável mencionar os autores que não estão ligados a esta evolução católica brasileira, mas são mais internacionais. Em entrevista referente ao lançamento do seu livro sobre o Tradicionalismo, Benjamin Teitelbaum analisa pensadores da extrema direita global, como Steve Bannon, Olavo de Carvalho e Alexander Dugin¹⁶.

Benjamin Teitelbaum assenta que há um tradicionalismo que vai além das teorias sociais, constituindo-se em uma autêntica doutrina filosófica que atribui um sentido muito particular à existência humana e à natureza do tempo e identifica que tal modo de pensar está presente nos escritos de autores de extrema direita no Brasil, nos Estados Unidos, Rússia, Hungria.

A entrevista se refere ao livro “Guerra pela Eternidade” em que o autor analisa a influência do tradicionalismo na política contemporânea, com destaque para algumas personalidades que entende serem essenciais para compreender a extrema direita no mundo atualmente como Steve Bannon, Alexander Dugin e Olavo de Carvalho, todos com alguma passagem pelo Tradicionalismo. O autor busca

¹⁶CAVALCANTE. Leopoldo. As raízes metafísicas da extrema direita: uma conversa com B. Teitelbaum. **Entendendo Bolsonaro**. 30 out. 2020. Disponível em: <https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/08/30/as-raizes-metafisicas-da-extrema-direita-uma-conversa-com-b-teitelbaum/?cmpid=copiaecola> Acesso em 05 out. 2021.

demonstrar a ascensão dos populistas de extrema-direita, avançando em temas bastante sensíveis na atualidade.

A tese, segundo o autor revela nesta entrevista, é que o populismo de direita impôs a maior ameaça ao liberalismo em décadas e o fez utilizando-se da própria democracia, utilizando-se da Democracia com algumas peculiaridades, pois, esta direita onde se opera este fenômeno é apoiada tanto por banqueiros ricos, quanto por massas rurais sem instrução e ocultistas.

O autor assinala que em suas reflexões foi possível olhar “além do comunismo, liberalismo, democracia e até mesmo do fascismo, e encontrar algo completamente novo”. Isso pode ser o que está acontecendo”. O presente estudo, buscará ir identificar os pontos em comum entre Tradicionalismo e Totalitarismo.

Além disso, há como que uma exigência sistêmica procurar conectar os diversos pontos de um fenômeno para assim o estudar melhor, no presente caso, estes estudos conduzem a certos campos da Psicanálise, Psicologia e Política numa simbiose que beneficie todos os campos do saber. Referente à 1ª Grande Guerra mundial Freud afirmou que tal conflito além de todo o mal que trouxe consigo, infringiu as disposições avançadas em tempos de paz, violando o Direito Internacional¹⁷.

Freud¹⁸ assinala que quando veio a guerra, “não queríamos acreditar”, e com a guerra a violação do direito humanitário. A guerra não respeitava o direito supremo dos feridos e dos médicos de não serem atacados em hipótese alguma, nem considerou a diferença entre soldados e civis no combate e violou-se o direito da propriedade, espalhou-se pela Europa uma cega cólera, como que um ódio irracional que levava à destruição total, como se depois não de mais nada, nem futuro e nenhum tipo de irmandade com os cidadãos do futuro, se desfazendo todos os laços da solidariedade entre os povos combatente se, dificultando que no futuro se pudessem reatar tais laços¹⁹.

¹⁷FREUD, Sigmund. Considerações atuais sobre a guerra e a morte (1915). Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916) 5ª ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 210-246

¹⁸ FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a Guerra e a Morte*. Trad. Artur Morão. LusoSofia: Covilhã, 2009. p. 8

FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a Guerra e a Morte*. Trad. Artur Morão. LusoSofia: Covilhã, 2009. p. 8

¹⁹FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a Guerra e a Morte*. Trad. Artur Morro. LusoSofia: Covilhã, 2009. p. 8.

Assinalou Freud²⁰ que ao contrário do que poderia ser e apesar da dificuldade de se reconhecer, os “povos civilizados” não se conhecerem nem compreendiam o suficiente entre si e conheciam menos ainda o fato de que seria possível que uns se virassem contra os outros, cheios de ódio e de repulsa, uns contra os outros.

Após o fim da guerra, em 1918, Freud escreveu a Alberto Einstein²¹., mencionando ao físico, os detalhes da teoria de Freud para identificar e tratar das “pulsões”, explica que a partir desta teoria, se a disposição para a guerra for um produto da pulsão de destruição, o mais fácil será apelar para o antagonista desta pulsão, para o *Eros*, estabelecendo laços afetivos entre os homens para se atuar contra a guerra seja por laços afetivos parecidos com o amor, mas sem objetivos sexuais ou pela identificação.

Vê-se que, já em 1932, via-se no horizonte o despontar da continuação da guerra de 1914 – que viria a culminar na Segunda Guerra, e a preocupação de Freud se detinha na questão da pulsão destrutiva do ser humano, que crescia ferozmente com os regimes totalitários, cujo contraponto só poderia ser erigido, segundo ele, pelo seu oposto, pelo antagonismo da pulsão, ou seja, o *Eros*, ou a pulsão do “amor construtivo”.

Umberto Eco²², faz uma análise reunindo os principais elementos do que chama de profascismo. Inicialmente assinala que em qualquer movimento fascista, encontram-se os tradicionalistas, assim como a gnose nazista que nutria-se de elementos tradicionalistas, sincréticos e ocultos, afirma que o mais importante pensador da nova direita na Itália era Julius Evola, este autor amalgamava temas como o Santo Graal aos textos dos Protocolos dos Sábios de Sião, a alquimia com o Sacro Império Romano, revelando sincretismo e irracionalidade já que o iluminismo e a idade da razão eram considerados como o início da depravação moderna²³.

¹⁹FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a Guerra e a Morte*. Trad. Artur Morão. LusoSofia: Covilhã, 2009. P. 8.

²⁰FREUD, Sigmund. *Escritos sobre a Guerra e a Morte*. Trad. Artur Morão. LusoSofia: Covilhã, 2009. p. 8.

²¹FREUD, Sigmund. Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra? Santa Maria: FADISMA, 2005 p. 42.

²²ECO, Umberto. *O Fascismo Eterno*. 1ª ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2018, p. 36

²³ECO, Umberto. *O Fascismo Eterno*. 1ª ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2018, p. 37

Além disso²⁴, o fascismo é racista e germina a partir da frustração social ou individual, apelando para uma média frustrada, sofrendo sob alguma crise econômica ou humilhação política, assustada com a pressão dos grupos sociais inferiores, explora o sentido de nacionalismo, a obsessão da conspiração (internacional de preferência) a obsessão da conspiração seja interna quanto externa (possivelmente internacional), em regra atacando judeus (por serem elementos internos e externos).

Para o fascismo²⁵ não há luta pela vida mas vida pela luta, sendo o pacifismo é uma transigência com o inimigo, um mal porque a vida é uma guerra permanente e os inimigos podem e devem ser derrotados, mas deve haver uma batalha final, após a qual o movimento controlará o mundo e depois, uma era de paz, o elitismo aristocrático ou militarista implica desprezo pelos mais fracos, mas também um elitismo popular para contemplar os membros do partido e o líder sabe que sua força advém da fraqueza das massas, que clama por um líder o que se estabelece num desprezo hierárquico reforçando o sentido de elitismo de massa.

Explica Eco²⁶ que todos são formados para serem heróis, o culto ao heroísmo liga-se ao culto da morte, sendo a palavra de ordem dos falangistas uma saudação à morte. Diante da guerra permanente e o heroísmo que são jogos difíceis, o protofascista transfere sua vontade de potência para assuntos sexuais, de onde se origina o machismo (que implica desprezo pelas mulheres e condenação intolerante a hábitos sexuais não convencionais da castidade ao homossexualismo), revelando-se aí a estranha vinculação dos discursos de poder com inserções no imaginário da sexualidade.

Segundo Eco²⁷, no futuro haverá um populismo qualitativo via TV ou Internet, no qual a reação emocional de um grupo seletivo de cidadãos pode ser apresentado e aceito como a Voz do Povo. O populismo qualitativo precisa estar contra governos parlamentares "podres", sendo comum questionarem a legitimidade

²⁴ ECO. Umberto. O Fascismo Eterno. 1ª ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2018, p. 37

²⁵ ECO. Umberto. O Fascismo Eterno. 1ª ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2018, p. 37

²⁶ ECO. Umberto. O Fascismo Eterno. 1ª ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2018, p. 41

²⁷ ECO. Umberto. O Fascismo Eterno. 1ª ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2018, p. 41

de um parlamento por não mais representar a Voz do Povo. O protofascismo fala Novilíngua. Segundo Eco²⁸, termo inventada por Orwell, em "1984.

O protofascismo ainda está à nossa volta, às vezes à paisana. A extrema direita passa a se organizar no Brasil dentro o receituário clássico do que até agora foi visto, há não um forte teor moral nas pautas e falas políticas, mas sim um moralismo que busca preencher o seu lugar no palco dos debates públicos, contudo, estes mesmos grupos se afastam de pautas políticas, um tema mais delicado para o governo.

O militarismo é outro ponto constantemente aventado, tendo sido comum no Brasil arguir a aplicação do artigo 142 da Constituição, arvorando-se em reivindicações reiteradas de se fortalecer a democracia via "intervenção militar". Nos últimos anos, a extrema direita e o fascismo se tornaram pautas comuns ao Brasil, para além da retórica. Grupos fascistas brasileiros têm afinidade com o governo federal e com as pautas defendidas por Bolsonaro tem endossado o jogo diário de ameaças ao rompimento da democracia. As semelhanças vão além do slogan "Deus, Pátria e Família", utilizado tanto pelo presidente quanto pelos fascistas.

O integralismo é a versão brasileira do fascismo italiano. Movimento criado por Plínio Salgado no Brasil tem em sua matriz de certa forma e em certos elementos, construções ideológicas assemelhadas ao fascismo, nazismo, mas não há ideário puramente ideológico amoldado aos movimentos do passado. As falas discriminatórias e instigadoras de violência, não são exclusividade do Brasil.

Guénon²⁹ elaborou os seus escritos mais conhecidos nos anos 20, sendo que em 1927 escreveu sobre a decadência e crise do Mundo Moderno, que para ele era o Ocidente, fala sobre o fim do mundo traz tradições religiosas e filosofia oriental, cita os escritos hindus, inicia o seu livro esclarecendo alguns pontos questionados em obra anterior (Ocidente e Oriente), fala sobre a idade sombria, cita místicos cristãos e compara a grande noite espiritual experimentada por místicos com o ponto em que o mundo se encontra.

²⁸ BBC News. O gesto com forma arredondada entre o indicador e o polegar foi classificado como uma forma de expressão de supremacistas brancos pela Liga Antidifamação, organização dos EUA que monitora crimes de ódio. Por que o gesto de "ok" de assessor de Bolsonaro Filipe Martins está em lista de símbolos de ódio nos E.U.A. 25 mar 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/25/por-que-gesto-de-ok-de-assessor-de-bolsonaro-esta-em-lista-de-simbolos-de-odio-nos-eua.ghtml> Acesso em 06 out. 2021.

²⁹ GUÉNON. René. **A Crise do Mundo Moderno**. Trad. Bete Torii. Lisboa: Editorial Veja, 1977, p. 09.

Cita que a fonte de muitas ideias tradicionalistas vem da civilização desaparecida, Atlântida. Da doutrina hindu, traz a ideia de que as eras são cíclicas que vão se sucedendo na história, trata da tradição chinesa, da filosofia de Zoroastro, budismo e em tudo identifica o bom conhecimento o tradicionalismo, sendo o restante a atuação do espírito anti-tradicional.

Guénon faz menção a uma “filosofia profana”, a qual seria uma pretensa sabedoria puramente humana, de ordem simplesmente racional, tomando o lugar da verdadeira sabedoria tradicional, supra racional e “não humana”³⁰.

Enfim, Guénon identifica como o oriente e a forma oriental de se pensar como sendo o lado bom do pensar humano, o lado tradicionalista e que o Ocidente enquanto se manteve tradicionalista preservava estes valores, contudo, o mundo moderno necessita de uma tragédia para voltar ao caminho da virtude, o tradicionalismo³¹.

Outro autor importante, Julius Evola, trata o tema do tradicionalismo ao abordar o simbolismo da águia, que tem um caráter tradicional de senso superior. Há um simbolismo olímpico na águia, que relaciona o símbolo da águia com uma particular figuração ariana e grega, relacionada com a imortalidade, privilégio que não é apenas a sobrevivência além da morte, mas uma participação heroica ao estado de consciência que define a divindade olímpica.

A águia se relaciona com várias tradições, sendo o único animal que podia olhar para o sol e não precisava baixar os olhos³². Na tradição iraniana-ariana, a águia figura como uma encarnação da glória. Não se trata de uma abstração, mas de uma força mística vinda do alto e que desce sobre os soberanos, fazendo-os participantes de uma natureza imortal testemunhada pela vitória³³!

³⁰ GUÉNON. René. **A Crise do Mundo Moderno**. Trad. Bete Torii. Lisboa: Editorial Veja, 1977, p. 14.

³¹ GUÉNON. René. **A Crise do Mundo Moderno**. Trad. Bete Torii. Lisboa: Editorial Veja, 1977, p. 16.

³²EVOLA. Julius. **Il simbolismo dell'aquila**. 25 dez. 2004. Disponível em: <http://www.juliusevola.it/documenti/print.asp?cod=33> Acesso em 07 out. 2021.

³³EVOLA. Julius. **Il simbolismo dell'aquila**. 25 dez. 2004. Disponível em: <http://www.juliusevola.it/documenti/print.asp?cod=33> Acesso em 07 out. 2021.

Nella tradizione iraniana-ariana l'aquila figura spesso come un'incarnazione della "gloria" dello *ahura* e, come in altre occasioni, ricorda il *damno*, perché il *raza* non vale se come una astrazione, bensì come una forza mistica e un potere reale ed all'alto, che scende sui sovrani e sui capi, li fa partecipare della natura immortale e li testimonia con la vittoria. (tradução livre)

5. CONCLUSÃO.

A pesquisa buscou identificar as relações entre o nacionalismo e o tradicionalismo católico no Brasil a partir do Século XX, delimitando neste espaço de tempo o surgimento do tradicionalismo católico, tendo como objetivo geral busca-se identificar os principais pensadores neste período e área e verificar como suas ideias contribuíram para o quadro geral do tradicionalismo no Brasil e objetivo específico busca-se identificar as anomalias, compreender a interação entre tradicionalismo e nacionalismo.

Buscou-se compreender as origens destes fenômenos e suas manifestações nos tempos atuais que vem deixando os observadores sem condições de compreenderem todo o corpo de ideias em que se baseiam e os reflexos na atual sociedade brasileira. Este estudo parcial sobre o tradicionalismo analisado sob um determinado aspecto busca contribuir para o quadro maior de estudos sobre o tema.

A metodologia empregada é a hipotético-dedutiva, comparativista e crítico-dialética e a técnica de pesquisa bibliográfica, chegando-se a conclusão de que as ideias disseminadas no Brasil têm raízes bem mais profundas do que aparentam e necessitam de uma especial atenção dos estudos acadêmicos por ser um tema útil, necessário e indispensável.

Por derradeiro, cumpre assinalar um valor inestimável para qualquer cultura, no caso, aprofunda consciência do grupo A Ordem em não permitir nenhum tipo de aparelhamento político religioso ou moral e tudo isso se deu justamente quando os governos começavam a ser “idolatrados ou disfarçadamente ocupavam os espaços religiosos”.

O tradicionalismo que se organiza em torno das tiragens da Revista *A Ordem* é assinalado por Cordi³⁴ um momento de renovação cristã. O estremecimento da separação entre a Igreja e o Estado gerou muitas marcas na sociedade brasileira, muitos constrangimentos de lideranças católicas que “após as humilhações do separatismo, o catolicismo brasileiro renascia na vida civil brasileira com maturidade cultural capaz de dialogar com as outras correntes de pensamento”,

³⁴ CORDI. CORDI, Cassiano. **O Tradicionalismo na República Velha**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Tese (Doutorado em Filosofia), 1984, p. 161-162.

conclui Cordi³⁵. Como se percebe, o tradicionalismo e a justificativa para as fontes da autoridade expressa pela influência de pensadores estrangeiros que buscam os seus fundamentos nos mais variados momentos e instâncias históricas, mística, filosóficas, relacionam-se com estruturas profundas da mente humana, talvez também por isso, tenha o poder de extrair ou iluminar aspectos obscuros e que uma vez trazidos à luz, tal quais os deuses mitológicos devoradores do passado, não mais voltam ao seu leito sem cobrar seus holocaustos!

Já no plano interno, a reação do catolicismo ao rompimento entre o Estado e a Religião e o enfrentamento de um pensamento não religioso acabou capacitando o catolicismo brasileiro para que organizasse um sólido pensamento tradicionalista que se em certos momentos históricos aproximou-se ideologicamente com discursos de personalidades de regimes totalitários, não se perdeu a consistência e a representatividade no Brasil até ao ponto da Igreja Católica criar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e a alta intelectualidade católica politizada e culta, difundiu as raízes do seu pensamento como uma herança intelectual. Se assim foi no começo do século, no início do novo século, é justamente nesta parte organizada da sociedade civil que se busca um elemento importante para a consolidação das democracias, ou seja, encontrar na tradição elementos que unam, mas não calem a dissidência, questione, mas que não se chegue a desestruturar os regimes políticos no poder.

É preciso uma força social que denuncie sem perder o equilíbrio e acima de tudo nunca permita o aparelhamento político ideológico ou econômico da parte livre de uma sociedade pensante, que crê, mas também que saiba quando e como agir a partir de elementos precisos extraídos da tradição pátria, o que é diferente de um simples carimbo “esquerda” ou “direita”, pois, o caminho que se apresenta parece ser muito mais complexo do que um sentir binário da realidade histórica!

REFERÊNCIAS.

ANGELO, Vitor Amorim de. **Questão Religiosa – Igreja e Estado entram com conflito**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/questao-religiosa-igreja-e-estado-entram-em-conflito.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 05 out 2021.

³⁵CORDI, Cassiano. **O Tradicionalismo na República Velha**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Tese (Doutorado em Filosofia), 1984, p. 82

BARBOSA, Ruy. **O Papa e o Concílio**. Por Janus. VIII. Versão e Introdução de Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Brow & Evaristo, 1877.

BBC News. **Por que o gesto de “ok” de assessor de Bolsonaro Filipe Martins está em lista de símbolos de ódio nos E.U.A.** 25 mar 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/25/por-que-gesto-de-ok-de-assessor-de-bolsonaro-esta-em-lista-de-simbolos-de-odio-nos-eua.ghtml> Acesso em 06 out. 2021.

CAVALCANTE, Leopoldo. As raízes metafísicas da extrema direita: uma conversa com B. Teitelbaum. **Entendendo Bolsonaro**. 30 out. 2020. Disponível em: <https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/08/30/as-raizes-metafisicas-da-extrema-direita-uma-conversa-com-b-teitelbaum/?cmpid=copiaecola> Acesso em 05 out. 2021.

CORDI, Cassiano. **O Tradicionalismo na República Velha**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Tese (Doutorado em Filosofia), 1984.

DANTAS, Carolina Vianna. **A Ordem**. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ORDEM,%20A.pdf> Acesso em: 05 out 2021

ECO, Umberto. **O Fascismo Eterno**. 1ª ed. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2018, p. 36

EVOLA, Julius. **Il simbolismo dell'aquila**. 25 dez. 2004. Disponível em: <http://www.juliusevola.it/documenti/print.asp?cod=33> . Acesso em 07 out. 2021

FERNANDES, Cláudio. As reflexões de Freud sobre a guerra. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/guerras/as-reflexoes-freud-sobre-guerra.htm>. Acesso em 05 de outubro de 2021.

GUÉNON, René. **A Crise do Mundo Moderno**. Trad. Bete Torii. Lisboa: Editorial Veja 1977.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a Guerra e a Morte**. Trad. Artur Morão. LusoSofia: Covilhã, 2009. p. 8. Disponível em: Textos Clássicos de Filosofia http://www.lusosofia.net/textos/freud_sigmund_da_guerra_e_da_morte.pdf. Acesso em: (COMPLETADO PROFESSOR)

LELOTTE, F. S. J. **Convertidos do Século XX**. Rio de Janeiro: Agir, 1966.

LIMA, Alceu Amoroso. O Existencialismo e outros. **Obras completas de Alceu Amoroso Lima**, t. XVIII. Rio de Janeiro: Agir, 1959, p. 310.

SHELTON, Robert. No Direction Home: **A Vida e a música de Bob Dylan**. Trad. Gustavo Mesquita. São Paulo: La Fonte. 2011.